

Paulo Guerra se defende com denúncia

O senador Paulo Guerra (Arena-PE) denunciou ontem que a Embrapa - Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias - tem em seus quadros nada menos do que 3.900 funcionários contratados, sem concurso público, pelos tecnocratas e anunciou que se fosse o Governo mandaria abrir inquérito para apurar os fatos irregulares e punir os seus autores.

Sua declaração foi feita quando relatava para os repórteres o resultado de suas declarações favoráveis à contratação de seis mil médicos pelo INPS, em lugar de serem admitidos no serviço público pela via do concurso.

Ele confirmou sua opinião, e a qualificou como uma opção política, que embora seja combatida quando pregada por um político, é aceita e consagrada, quando praticada pelos tecnocratas, esses sem responsabilidades políticas com o Governo ou com o seu partido.

Segundo Paulo Guerra - que dispõe de algumas pastas de críticas, e editoriais contra sua entrevista - a Embrapa é uma empresa criada durante o Governo Médici, portanto de vida curta e já ostenta um quadro de 5.100 servidores. Desses, 1.100 foram requisitados ao Departamento de Experimentação e Pesquisa do Ministério da Agricultura e pelo menos 3.900 foram contratados sem concursos públicos e por escolha dos tecnocratas da empresa.

Mais argumentos para a sua tese de contratar médicos: os recém-saídos de universidades, sem qualquer experiência profissional, se submetem a testes com

questos de múltipla escolha, se submetem a concursos e não logram aprovação. Há falta de critérios realistas de aferição.

Paulo Guerra trata da distensão assim: — Não acredito, nunca acreditei e só acredito que isso venha a ocorrer quando a Arena for prestigiada. Até agora só o presidente Geisel lhe dá apoio. Se tivesse fé em Deus, como tenho na distensão, já seria ateu há muito tempo.

Ele insiste em que é necessária a criação de mais dois partidos e se oferece ao que não for de Oposição, mas não tão subserviente ao Governo. E na hipótese de surgirem outros, acha que só permanece na Arena se puder servir ao Governo sem ser obrigado, e por idealismo.

Admite Paulo Guerra, que há crise interna, que o funcionalismo está passando fome, e que o aumento concedido pelo presidente Geisel só será acompanhado em áreas estaduais pelo Governo de São Paulo e por empresas privadas. Acha, contudo, que esses fatores não exercerão influência marcante nas eleições municipais - a não ser nos grandes centros - porque o eleitor de prefeito e vereador segue apenas os anseios locais.

No entanto, prevê, a partir das eleições, uma situação pelo menos perigosa para a Arena: se os governadores não derem apoio aos prefeitos, em 78 a situação tende toda para o MDB. Insiste o senador pernambucano em que o Executivo deve ficar no seu lugar - uma alusão clara às tentativas de ministros de se aproximarem da Arena - prestigiando contudo os membros do Congresso e das assembleias.